Revista Transmutare
ISSN: 2525-6475

https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr

Travessias femininas: o ateliê biográfico de projeto como dispositivo formativo e de construção de narrativas

Renata Melo Rocha
renatarosjm@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-7121-7931
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

Cláudia Rodrigues do Carmo Arcénio
claurodriguesmd@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-4650-3469
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

Patricia Bastos de Azevedo
patriciabazev@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1006-0253
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

Este trabalho apresenta apontamentos sobre duas pesquisas desenvolvidas no âmbito do mestrado acadêmico em Educação, que se inspiraram no ateliê biográfico de projeto para elaborar percursos formativos baseados na construção de narrativas (auto) biográficas. Nas pesquisas "Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ", desenvolvida com seis professoras alfabetizadoras oriundas do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e "Memórias da (o) pedagoga (o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento de estudantes da UFRRJ", desenvolvida com sete graduandas do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, verificou-se que o uso do dispositivo ateliê biográfico de projeto favoreceu a mobilização das trajetórias de vida, ampliando a formação oferecida na graduação. Organizado em cinco partes, o texto apresenta o ateliê; expõe breves resumos das investigações; discute as travessias dessas professoras enquanto memórias subterrâneas em construção e destaca o potencial do dispositivo formativo enquanto metodologia para produção de narrativas femininas em Educação. Tem como escopo refletir acerca das contribuições do uso do dispositivo ateliê biográfico de projeto como uma proposta metodológica para pesquisas qualitativas de formação de professoras. Logo, apresenta o ateliê biográfico de projeto como fomento a produção de pesquisas que concebam os enunciados femininos como um contradiscurso.

PALAVRAS-CHAVE: Ateliê Biográfico de Projeto. Formação de Professores. Narrativas femininas. Pedagogia.

Memória e narrativa: o que é um ateliê biográfico de projeto[1]?

A memória é subjetiva, "seletiva [...] fugidia, flexível e socialmente composta" (AZEVEDO, 2016, p. 52). Não é a reprodução fidedigna de um passado, mas, uma representação dele. Em nossas investigações, é evocada e materializada por meio das escritas de si. Estas escritas agregam especificidades constitutivas da memória individual e, nesse sentido, a subjetividade inerente à composição da memória também é constitutiva das pesquisas que têm por base essas narrativas. Esta evocação do passado, revisitado no presente, carrega em si mesma muito das impressões e olhares próprios do presente no qual ela se concretiza. Deste modo, temos em vista que a memória não possibilita uma escrita objetiva do passado, mas esquadrinha uma compreensão de si mesmo e dos eventos vivenciados, de sua própria história, de sua trajetória de vida.

Todavia, avaliamos que o ato de escrever-se é também uma escrita do outro. Os sujeitos ao narrarem suas vidas, narram também um pouco da vida de outros sujeitos relacionados a eles direta ou indiretamente em variadas esferas da atividade humana. Além disso, ao situarem-se em determinado tempo e espaço constroem-se os vínculos com o entorno. As construções sociais perpassam as narrativas. Isto é, ao contarmos as histórias de vida, contamos também como a vida era em determinados tempos e espaços e quais conceitos, valores, pensamentos estavam em voga naquele espaço temporal. É o que aponta Pollak (1992) ao ressaltar que nossas memórias individuais são uma construção social e coletiva:

> a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.8).

Para que as memórias individuais possam ser organizadas enquanto memória coletiva é necessário que haja uma padronização de tempo e espaço, a fim de que exista a construção de uma coesão social, de forma que represente um grupo e colabore para elaboração de uma identidade coletiva. Isso significa dizer que elas se organizam estabelecendo relações e conjecturas com outras memórias e, portanto, ao corporificá-las se tornam passíveis da interpretação do outro, que assume um papel de leitor do passado revivido e pode pelas suas próprias vivências e objetivos interpretá-lo.

Quando revisitamos o passado, estabelecemos critérios privilegiamos acontecimentos sejam por fatores emocionais ou sociais. Essa seletividade também é evidenciada na organização da memória oficial, entretanto, nesse caso, Pollak (1989) argumenta que esses enquadramentos não são aleatórios, haja vista que tendem a subalternizar as memórias de grupos específicos, provocando

silenciamentos e apagamentos, sobretudo aqueles que não fazem parte da narrativa hegemônica promovida pelo Estado ou por grupos sociais dominantes, isto é, que não compõem a memória oficial. É o que o autor denomina como 'memórias subterrâneas'.

Essas concepções de memória são fundamentais para compreender a lógica na qual operam as pesquisas que apresentaremos a seguir, tal como a escolha do ateliê biográfico de projeto como instrumental metodológico de produção de narrativas, posto que compreendemos que essas (auto)biografias[2] expõem memórias corporificadas por meio da linguagem. Logo, produzem discursos que acabam por revelar aspectos e impactos dos contextos históricos e sociais a que os sujeitos estiveram e estão submetidos.

O grupo de pesquisa do qual emergem os referidos trabalhos tem como forte referencial a memória e as escritas que a materializam. Dentre as diversas possibilidades de produção de escritas de si, optamos pelo ateliê biográfico de projeto enquanto ferramenta metodológica para produção dessas narrativas. O dispositivo funciona como elemento agregador entre a pluralidade de pesquisas desenvolvidas pelo grupo, que atualmente investiga a formação de pedagogas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Delory-Momberger (2006) descreve os ateliês biográficos de projeto como dispositivos formativos que buscam emergir, a partir das histórias de vida, um projeto de si profissional. A ênfase se estabelece no percurso formativo que propõe autobiografias e heterobiografias[3] como procedimento para a formação:

> o procedimento do ateliê biográfico de projeto inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro) e visa fundar um futuro do sujeito para emergir seu projeto pessoal (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366, grifo nosso).

Deve-se ter em vista que a narrativa é um objeto da linguagem que se constitui no momento de sua enunciação. Por conseguinte, ela não está fechada e limitada. Ao contrário, a narrativa de acordo com Delory-Momberger (2006) é um elemento maleável, transitório e vivo: criado e reelaborado no instante em que é anunciado. A autora destaca que mais importante que a história narrada é a compreensão de si que o sujeito faz ao construir essa narrativa. Ele mergulha em seu emaranhado de lembranças e memórias e narra a versão que melhor o traduz diante de tais experiências. Nesse sentido:

> Não é tanto a história da vida reconstruída que importa em si, mas sim o sentimento de congruência experimentado entre o eu - próprio e o passado recomposto, a impressão de conveniência que essa história toma para mim no aqui e agora de sua enunciação. Ela é a história que eu me atribuo e na qual

> eu me reconheço, é a que me convêm e à qual eu convenho, a versão 'suficientemente boa (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.362).

Sobre a organização do ateliê biográfico de projeto, Delory-Momberger (2006) dispõe que o ideal é que seja instituída em um grupo que não ultrapasse o número de doze pessoas, com realização de seis momentos. Todos os participantes deverão estar cientes dos temas de cada encontro, assim como de suas sinopses/roteiros e etapas principais.

O primeiro momento do ateliê é de apresentação do procedimento, no qual o trabalho proposto com as histórias de vida é colocado como perspectiva para a construção de um projeto universitário ou profissional. O segundo momento refere-se à elaboração, à negociação e à ratificação coletiva de uma espécie de contrato biográfico. Este contrato "fixa as regras de funcionamento, enuncia a intenção autoformadora, oficializa a relação consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de trabalho" (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.366). Após os dois primeiros momentos é conferida aos participantes a possibilidade de desistir do processo.

O terceiro e quarto momentos consistem na produção das narrativas autobiográficas e sua socialização. Estas narrativas são criadas a partir de eixos precisos apresentados pelo formador. Esta primeira escrita é uma espécie de esboço inicial para uma biografia posterior, apresentada ao final do percurso. Entre o terceiro e o quarto momentos se estabelecem as tríades, nas quais cada participante assumirá três posições distintas por vez: a de narrador oral de sua história, a de escriba da história do outro e a de ouvinte.

O quinto momento é um momento de socialização da narrativa autobiográfica produzida no terceiro e quarto momentos a fim de proporcionar ao narrador a perspectiva de ouvir sua própria história contada por outrem. Duas semanas depois, propõe a autora, que se desenvolva o sexto e último momento do ateliê: apresentação de um projeto profissional de si que emerge da própria autobiografia.

Nos tópicos a seguir apresentamos duas pesquisas desenvolvidas com graduandas do Curso de Pedagogia da UFRRJ que se inspiraram metodologicamente no ateliê biográfico, a fim de produzir narrativas (auto) biográficas, no intuito de constituir-se como dispositivo formativo.

Nas trilhas da memória: apontamentos de uma pesquisa com professoras alfabetizadoras PARFOR/UFRRJ

A pesquisa de mestrado, que ora apresentamos, buscou ampliar as trajetórias acerca da alfabetização e do letramento escolar na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro por intermédio das histórias de vida de professoras alfabetizadoras oriundas do Plano Nacional de Formação de Professores da

Educação Básica (PARFOR[4]). Tal escolha metodológica pautou-se no anseio por conhecer as histórias de vida destas profissionais, de maneira que as mesmas apresentassem a trajetória da Alfabetização e do Letramento por outra perspectiva, além da exposta pelos documentos oficiais.

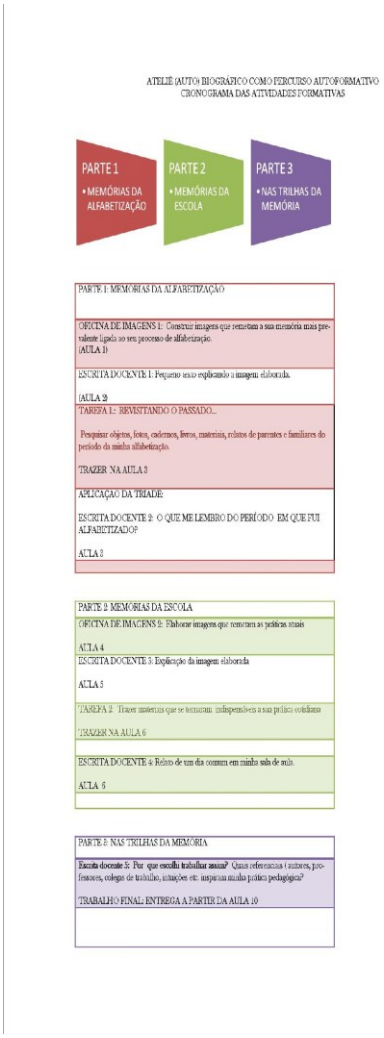
Objetivou-se inicialmente perspectivar as trajetórias femininas docentes por meio das (auto) biografias de professoras-alunas[5], elaboradas durante a aplicação de uma dinâmica formativa inspirada no ateliê biográfico de projeto. E, por objetivo específico investigar as permanências e rupturas do letramento escolar, com recorte na prática de letramento denominada alfabetização, pelas trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras. Assim, investigamos as formas/meios de ensino de leitura e escrita pelas escritas de si, compreendendo estas biografias como parte do processo formativo e elemento constitutivo da memória social e coletiva do Letramento do Rio de Janeiro.

O campo de pesquisa se desenvolveu no decurso da disciplina "Escrita, Alfabetização e Letramento II", oferecida pela UFRRJ no Instituto Multidisciplinar situado em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A disciplina foi optativa, oferecida ao 6ª período do curso de Pedagogia do PARFOR e ministrada por uma das autoras na condição de Professor Formador II durante segundo semestre do ano de 2018. O recorte centralizado nas trajetórias de vida dessas seis mulheres alfabetizadoras não é ocasional: em recente levantamento[6] que buscava, dentre outras coisas, caracterizar o público do PARFOR, observou-se uma predominância do gênero feminino, sobretudo nos cursos de Pedagogia. Inclusive, 100% das matriculadas na disciplina, eram mulheres. Deste modo, as aulas atenderam prioritariamente professoras em exercício, criando um ambiente híbrido que entrelaçou momentos de formação e momentos reflexivos sobre as práticas cotidianas de forma discursiva.

O ateliê biográfico de projeto foi proposto como percurso formativo e executado no transcurso da disciplina, sendo ele mesmo a forma de avaliação de aprendizagem. A conclusão deste percurso se consolidou por meio da elaboração de um texto autobiográfico reflexivo que convidou as autoras (estudantes da graduação em Pedagogia) a observarem quais caminhos às levaram as suas atuais práticas alfabetizadoras.

Mesmo os ateliês apresentando uma estrutura mais ou menos fixa de desenvolvimento, inferirmos a possibilidade de flexibilizar as etapas de acordo com os objetivos e eixos formativos específicos. Deste modo, nos inspiramos no modelo de Delory-Momberger (2006) para elaboração de uma proposta de aplicação que atendesse demandas inerentes à disciplina e ao campo de pesquisa. Apresentamos aqui o cronograma do percurso formativo que desenvolvemos de forma a promover a formação das participantes e atender os objetivos da pesquisa.

Figura 1 - Ateliê autobiográfico_ Percurso formativo



Fonte: Imagem da dissertação "Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ", 2019.

Utilizamos como objeto de pesquisa as narrativas biográficas e autobiográficas produzidas durante a aplicação do ateliê, de forma a compreender as formas/meios pelos quais as educadoras concebem a alfabetização e o letramento no contexto escolar e quais formas os discursos quanto ao Letramento assumem nestas narrativas ao serem apropriados e acionados pelos educadores em sala de aula.

No transcorrer da disciplina, observamos que a ênfase dada ao percurso formativo, inicialmente causou estranhamento, dada as práticas avaliativas geralmente quantitativas e verificativas em toda a trajetória formativa da escola à graduação. Contudo, foi justamente essa ênfase na travessia, no percurso formativo, que favoreceu reflexões, construções e aprendizagens quanto às

formas de pensar e agir sobre as práticas pedagógicas cotidianas. A mobilização das trajetórias de vida para compor a jornada fez emergir um conhecimento da vida e para vida, conferindo significado a todo o processo formativo.

Quanto aos resultados, não desconsideramos a possível influência que a formação oferecida durante a disciplina possa implicar às narrativas produzidas quando dada a execução do ateliê. A leitura dos aportes teóricos ao longo das aulas, tal como as vivências formativas experienciadas durante toda a graduação em Pedagogia, podem e pretendem provocar releituras, ressignificações às práticas já vividas, bem como propiciar movimentos tanto de aproveitamento do que tem sido realizado pelas professoras quanto de inovações no fazer pedagógico cotidiano.

Pelas escritas autobiográficas foi possível identificar que os processos formativos não se esgotam apenas no ambiente universitário, outrossim, podem se realizar em outros espaços formativos formais ou não e por outros meios. O ato de narrar a si e as suas trajetórias, as estudantes salientaram a importância da participação em programas de formação continuada oferecidos pelo Governo Federal,[7] a troca de experiências entre professores, os centros de estudos realizados no interior das unidades escolares, as jornadas pedagógicas viabilizadas pelas secretarias de educação, além dos percursos formativos individuais viabilizados por leituras, aprofundamentos e pesquisas de temas educacionais que despertem interesse ou que emergem do cotidiano escolar. Tais inferências ressaltam a potência do instrumental metodológico do ateliê biográfico de projetos como dispositivo formativo, haja vista a leitura e releitura que as estudantes fizeram de si e de suas trajetórias enquanto alfabetizadoras.

Além disso, as narrativas ressaltaram que o PARFOR trata-se de um programa de formação de professores extremamente diferenciado em função do público-alvo. Tanto o exercício profissional quanto as formações que estes professores realizam no perpassar de suas carreiras agregam e inserem significados à formação universitária ao mesmo tempo em que a graduação proporciona releituras de práticas, teorias e concepções pedagógicas sob o viés acadêmico.

Ao final do trabalho, foi possível identificar, por meio das escritas autobiográficas, permanências e rupturas que constituem a Memória do Letramento Escolar do Rio de Janeiro. As permanências, neste contexto, configuraram-se como práticas educativas cristalizadas, observadas desde as memórias de infância dessas alfabetizadoras e que continuam sendo aplicadas até os dias atuais. Elas se constituem como trilhas cruzadas entre espaços e tempos, entre os pontos de travessias. Assim, podem representar continuidade de práticas eficazes ou exitosas; momentos de enfrentamento e resistência ao que muitas vezes se torna homogeneizante às práticas educativas; ou simplesmente podem representar imposição ou acomodação. Cada permanência tem sua razão de resistir/existir. Consideramos como rupturas, as práticas alfabetizadoras que só apareceram na segunda fase do Ateliê, nas memórias referentes às atuais práticas

em sala de aula. Avaliamos que as rupturas aconteceram gradativamente não podendo ser estabelecidas apenas pela existência de uma legislação ou documento oficial que, apesar de criar um ambiente propício para que elas aconteçam pelos mecanismos de intervenção e monitoramento, não têm a capacidade de impor rompimentos imediatos, eles vão se construindo no fazer pedagógico, no cotidiano escolar.

Deste modo, por intermédio da pesquisa, concluímos que instrumentais metodológicos qualitativos pautados em autobiográficas podem contribuir significativamente para o traçado e entendimento da história de nossa educação. Compreendemos que as permanências e rupturas presentes nas narrativas elaboradas pelas estudantes expuseram práticas alfabetizadoras que construíram trajetórias e tais trajetórias somente se realizaram pelas travessias que as histórias de vida das pessoas compõem. Logo, a escolha por utilizar aspectos metodológicos do ateliê biográfico de projeto potencializou a formação docente, outorgando protagonismo às professoras-alunas em suas travessias formativas. Além disso, contribuiu para a percepção das permanências e das rupturas nas práticas alfabetizadoras, levando-nos à melhor compreensão da história da Alfabetização e Letramento da Baixada Fluminense por meio dessas narrativas femininas.

Memórias das pedagogas em formação: aspectos principais de uma pesquisa sobre professoras em construção

A pesquisa sobre a qual discutimos realizou-se durante o estágio em docência de uma das autoras, no primeiro semestre de 2019, na disciplina de “Alfabetização e Letramento” da UFRRJ. O trabalho teve como escopo a reflexão sobre os caminhos formativos trilhados por sete mulheres, estudantes do quarto período de Pedagogia, recuperando memórias de seus momentos formativos: da alfabetização até a graduação. Para tal, utilizamos alguns dos aspectos metodológicos do ateliê biográfico de projeto, sendo possível identificar na feitura da pesquisa, elementos cujos quais aqui nos debruçaremos.

O grupo de estudantes participantes era composto majoritariamente por mulheres[8], moradoras da Baixada Fluminense, assim como também é o curso de Pedagogia. Por esse motivo a pesquisa referendada tornou-se um instrumento potencializador de vozes femininas no magistério, uma vez que os escritos construídos trazem a professora na “voz primeira”. Assim, anunciamos ao leitor a responsabilidade assumida em fazer pesquisa com professoras e não sobre professoras.

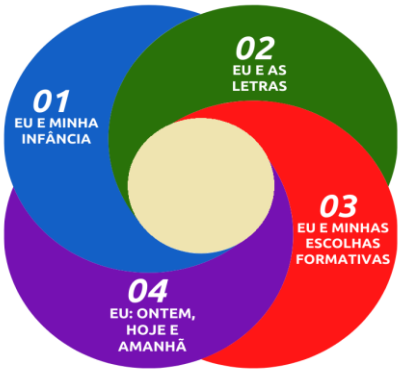
Como prevê o ateliê biográfico, foram apresentados os objetivos da pesquisa e solicitadas assinaturas do termo de participação e confidencialidade. Em seguida, as participantes conheceram as dinâmicas dos encontros e montaram tríades. As tríades são estruturas edificantes para o ateliê, uma vez que funcionam como facilitadoras da socialização progressiva das memórias, estabelecendo laços de confiança, responsabilidade e respeito ao próprio dizer e ao dizer do outro.

Passegi (2021) ressalta ainda, como o ato de narrar sobre si compreende-se com um ato fundamentalmente humano e formativo.

> Narrar as próprias experiências – autobiografização – e aprender com a história das experiências de outrem – biografização e heterobiografização – fazem parte de nossa humanidade, nos caracteriza como seres pensantes, capazes de sentir, inferir e expressar emoções, razões, desejos, intencionalidades. De modo que a privação da narrativa de si, e, por conseguinte do 'eu', seja ela provocada por uma patologia, seja por processos ideológicos e políticos, nos destitui de nossa humanidade (PASSEGI, 2021, p.96).

No que compete à organização, é preciso salientar que essa escolha metodológica marca a estrutura dos encontros. Assim, o material construído fora composto por um "vai e vem" das memórias, em um discurso impregnado do passado, mas redigido no presente. Os encontros idealizados em uma sequência cronológica foram intitulados como: "Eu e minha infância", "Eu e as letras", "Eu e minhas escolhas formativas" e por último "Eu: ontem, hoje e amanhã". Logo, de um total de quatro encontros, os dois primeiros foram responsáveis por recuperar memórias do princípio da escolarização, o terceiro encontro rememorou a escolha pela Pedagogia e o último foi destinado à entrega da escrita final, composta pela congruência dos escritos de todos os encontros, acrescidos de uma projeção profissional para o futuro. O esquema a seguir apresenta a sequência dos encontros e o entrelaçamento dos mesmos. Assim como prevê o ateliê, os encontros objetivaram que as participantes rememorassem suas histórias, recuperando no tempo presente aquilo que as compõem enquanto professoras em formação.

Figura 2 – Organização dos encontros do ateliê biográfico

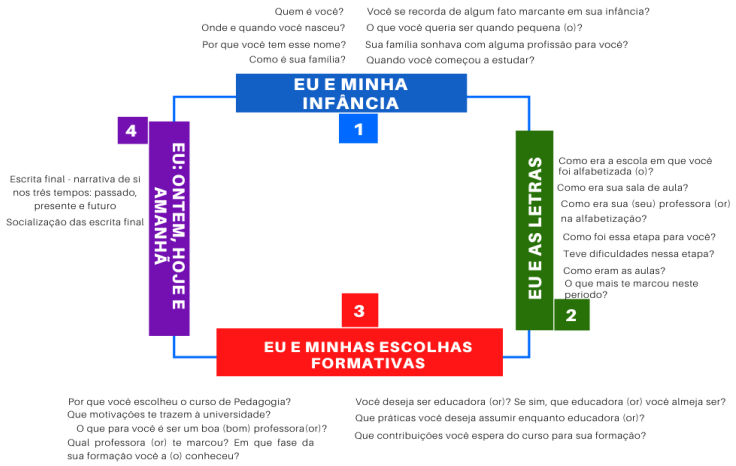


Fonte: Imagem da dissertação "Memórias da (o) pedagoga (o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento de estudantes da UFRRJ", 2020.

A partir do que Delory-Momberger (2006) chama de script, montamos roteiros que direcionaram os relatos de memória acerca de cada uma das etapas

formativas das participantes. Seguem abaixo o ciclo de encontros e os encaminhamentos suscitados.

Figura 3 - Esquema do desenvolvimento dos encontros



Fonte: Imagem da dissertação “Memórias da (o) pedagoga (o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento de estudantes da UFRRJ”, 2020.

Os encaminhamentos de cada encontro conduziram a produção dos escritos autobiográficos, que obedecendo à estrutura das tríades de narrador, escriba e ouvinte, trouxeram à pesquisa subjetividades, contidas em cada trajetória. Enquanto uma narrativa era socializada, cabia ao escriba registrá-la, em um movimento de distanciar-se da própria história e ao mesmo tempo aproximar-se da história de outro alguém. Portanto, “o percurso de apropriação de sua história, que é comum ao conjunto de práticas de histórias de vida, passa aqui pela busca compreensiva do outro e o distanciamento de si mesmo” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 367).

Um elemento se destaca quando falamos sobre ambas as pesquisas referenciadas neste artigo: a narrativa. Ela é a centralidade do ateliê, já que nela são traduzidas as memórias. Entretanto, destacamos que a vida contada não é a vida, isto é: o que é narrado não constitui e não recupera o vivido. O ato de biografar-se traz uma leitura que o sujeito faz de si no presente e todas as escritas produzidas nas pesquisas recuperam nuances próprias do fazer-se professora ao longo do caminho.

Com base nos escritos autobiográficos das estudantes, a pesquisa foi encontrando caminhos para compreender o que é o “fazer-se educadora” na contemporaneidade. As participantes entrelaçaram suas escritas às vivências pessoais, demonstrando que aquilo que concebemos como momentos formativos são compostos por tecituras. As memórias suscitadas nos dois primeiros encontros revelaram as marcas do princípio da escolarização e contato inicial com as letras, mas também recuperaram detalhes preciosos, tais como a descrição da primeira professora, a sala de aula, a presença de espaços não-formais de escolarização na Baixada Fluminense, a atribuição do título de professora a mulheres cultas da

comunidade local, dentre outros indícios. Já os escritos contidos nos três últimos encontros revelam o impacto da formação acadêmica na construção dos enunciados, a dificuldade em ser mulher, mãe e estudante universitária, além das expectativas profissionais e o desejo de inserção no mercado de trabalho.

Atentando para a gênese das narrativas, identifica-se que tais escritos transcendem as memórias, alcançando uma dimensão coletiva. É possível que as memórias suscitadas se assemelhem a outras vividas por tantas professoras que também subverteram o sistema e hoje se encontram na universidade. Essas subjetividades são marcas, na medida em que imprimem em um trabalho acadêmico a singularidade de fazer conhecer histórias de vida. São linhas tecidas com o respeito merecido a tantas memórias que foram compartilhadas para que ideias e conceitos pudessem ser academicamente alinhados.

Nesse sentido, a pesquisa compreende que o "fazer-se educadora" compõe-se na medida em que saberes docentes são construídos ao longo das trajetórias. Esses saberes dizem respeito a uma composição identitária. São saberes construídos na vida enquanto alunas, nos processos de formação de professores (inicial e continuada), advindos de experiências profissionais etc. Essa gama de saberes constitui o ethos docente, aquele que direciona o olhar profissional, na medida em que também constrói e ressignifica o que é ser professora.

Assim, fazer pesquisa com professoras é antes de tudo uma escolha política de trazer à reflexão histórias que compõem o magistério, pelas escritas de mulheres que ocupam majoritariamente este espaço. São mulheres que trazem em seus escritos autobiográficos o ensinamento de que 'ninguém dá voz a ninguém'. Todas nós temos vozes edificantes que por forças outras foram sendo silenciadas e menosprezadas. Não nos tornamos professoras da noite para o dia e nem tampouco, essa construção pode ser considerada linear. São linhas tecidas ao longo das trajetórias, em caminhos próprios que as escritas autobiográficas salientam.

Travessias femininas: Memórias subterrâneas e a formação docente

Discutimos neste tópico como as narrativas de si podem fomentar a reflexão formativa de professoras e futuras professoras e como tais escritos recuperam memórias coletivas. Para tanto, tratamos nos próximos parágrafos alguns fragmentos das investigações como forma de pensar as memórias e os desdobramentos propostos pelo ateliê biográfico de projeto.

Na pesquisa "Nas trilhas da memória" em que se investigaram permanências e rupturas nas práticas de alfabetização e letramento na Baixada Fluminense, as participantes do ateliê desenvolveram diferentes formas de 'escritas de si', tais como poemas e ilustrações. Destacamos duas dessas produções que revelam o caráter formativo do dispositivo metodológico adotado: a primeira que diz respeito à escrita de uma poesia sobre a infância e a segunda que traz uma arte sobre o período da alfabetização.

Figura 4 - Poema “Ser criança”



Poema: Ser criança...

Toda criança tem direito de ser criança, de ser criança...
Cantar, falar
Dançar e sonhar
E ter uma família para amar,
E ter tempo para estudar
E ter muito tempo para brincar
E não pensar em trabalhar!
E nem ter tempo para chorar!
Infância, cultura e lazer
Criança, criar
Criança, educar
Com muita música para dançar
Com muita música para cantar
E se livre para se expressar
E também para inventar
Na escola, em casa, ou na comunidade
O que importa é a felicidade
Daqueles que cantam, daqueles que dançam
Daqueles que fazem arte!
Samba, rock ou pagode?
Ou prefere clássicos com propriedade?
Eu fico com os cânticos dos pássaros.
Lindos para ouvir, lindos para sentir
Amor, carinho e dor
Em uma mesma linguagem
O que distingue é a sua liberdade!
Com caráter sendo formados
E vários brinquedos espalhados!
Sem repressão e negação!
Autonomias respeitadas
Autonomias sendo formadas!
Educação é reflexão!
Educação e diversão!
Gera sorrisos, gera aprendizagem,
Gera sonhos e liberdade!
Cada detalhe, cada produção
Tem que ter uma admiração
Tem que ter uma valorização

Fonte: Imagem da dissertação “Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ”, 2019.

Figura 5 - "Eu e minha professora alfabetizadora"



Minha atividade de colagem representa toda a paciência, dedicação e amor que minha professora alfabetizadora teve. Não apenas comigo, mas com toda a turma.
Lembro-me perfeitamente de como ela demonstrava alegria ao ensinar e muito contentamento a cada avanço que eu conseguia.
O céu claro e com nuvens remete à lembrança das idas ao parquinho, pois sempre depois das brincadeiras nos sentávamos e às vezes deitávamos olhando para o céu enquanto a professora contava histórias.
Para mim, o processo de alfabetização foi muito tranquilo e agradável, só guardo boas lembranças na memória e no coração. Foi através dessa professora que aprendi a ler. Ela me ensinou, além disso! Ela me ensinou a gostar de ler.

Fonte: Imagem da dissertação "Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ", 2019.

A figura 4 traz o texto "Ser criança" que é parte da autobiografia apresentada ao final disciplina. Nessa construção a professora S. rememora sua infância e o que para si é ser criança, ao mesmo tempo em que reflete criticamente o papel da educação atual, num texto em que presente, passado e futuro se mesclam para elaborar um projeto profissional para as suas práticas atuais. Desse modo, é possível que identifiquemos em seus versos como o ateliê evoca uma reflexão formativa do fazer-se educadora.

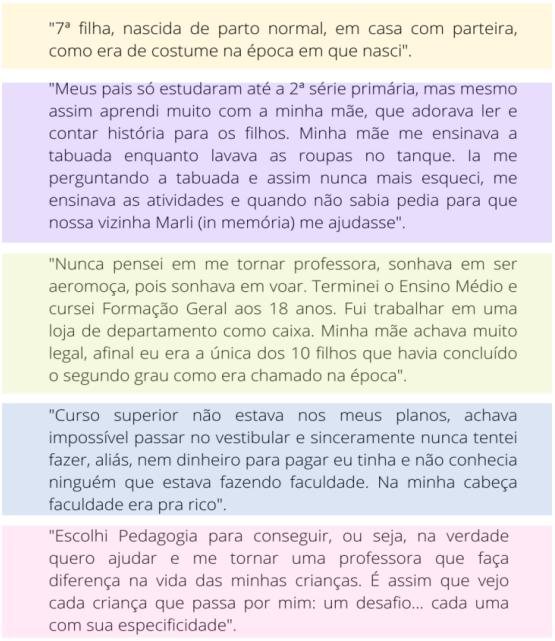
A figura 5 traz uma proposta gráfica em que as professoras tiveram que produzir uma ilustração, tendo como base a recordação do período da alfabetização. A professora P. escolheu elementos que representassem essa etapa de escolarização, dando destaque à figura da professora alfabetizadora. A contação de histórias aparece como ação impulsionadora para que P. goste de ler, evidenciando como essa e tantas outras vivências escolares são também marcas formativas que atravessam a vida das professoras, constituindo-as profissionalmente.

Esses movimentos de deslocamento do ser no tempo e no espaço constituem em um exercício de exotopia e alteridade[9] em que no momento em que evocam a memória do passado a materializam a partir deste futuro podendo ressignificá-lo. De acordo com Bakthin (1997) em alteridade o que está em jogo é a interação com o outro e consigo mesmo, compreendendo que este contato mediado através da linguagem, nos modifica, causando em nós transformações, à medida que as relações dialógicas se estabelecem.

Isto é, o "eu" que essas mulheres são agora, narradoras de seus passados, difere do "eu mulher" que está sendo narrada. Neste sentido, a autobiografia é uma leitura de si mesmo, mas também uma escrita do outro que existe em minha memória, moldado à luz do que recordo do passado materializado por meio da linguagem. Esse exercício é constitutivo do ateliê e elementar para consolidar um projeto de si profissional.

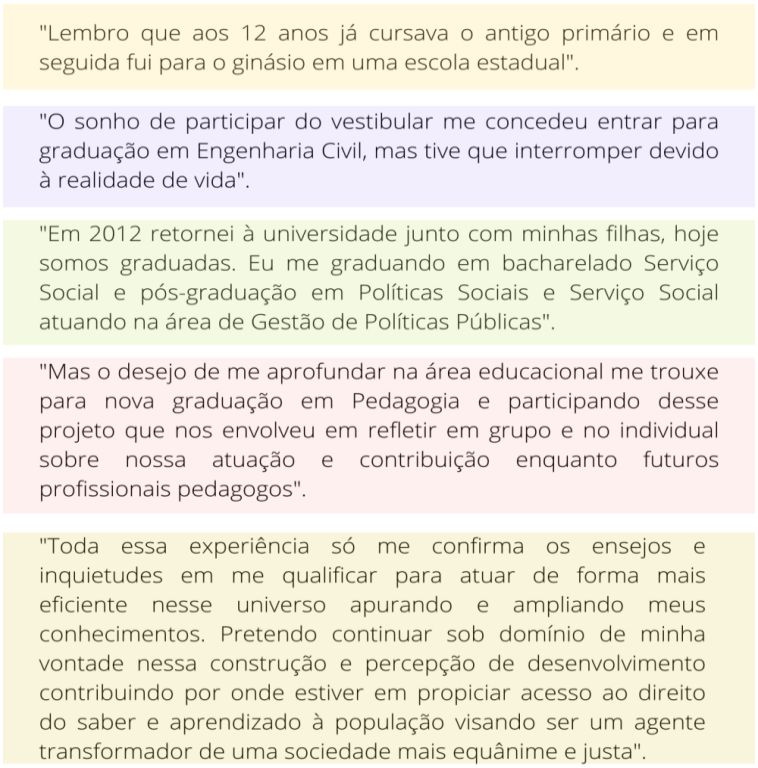
A segunda pesquisa "Memórias das pedagogas em formação" em que se investigou memórias de pedagogas em formação optou-se por fazer uso apenas deda produção das escritas de si. Essas (auto) biografias foram recuperadas no texto final, em uma reflexão de si em três tempos: ontem, hoje e amanhã. Destacamos trechos de escritos finais de duas participantes.

Figura 6 - Trechos dos escritos autobiográficos da participante M.



Fonte: Imagem da dissertação "Memórias da (o) pedagoga (o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento de estudantes da UFRRJ", 2020.

Figura 7 - Trechos dos escritos autobiográficos da participante L.



Fonte: Imagem da dissertação "Memórias da (o) pedagoga (o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento de estudantes da UFRRJ", 2020.

Os fragmentos recuperados dizem respeito a histórias de vida de duas mulheres periféricas, oriundas da classe popular que buscaram ao longo de suas trajetórias cursarem o ensino superior. Destacam-se nos escritos das duas participantes ideias referentes à gênese do que é ser professora. As estudantes escolheram palavras que expressam aquilo que almejam ser ao final da formação, realizando uma projeção formativa de si para o futuro.

Vale ressaltar que, para além do caráter formativo, o dispositivo metodológico do ateliê biográfico de projeto fez emergir histórias de vida que não são apenas singulares. Lembranças que julgamos individuais estão intrinsecamente ligadas às relações que temos com nossos pares e também com a nossa ancestralidade. De acordo com Pollak (1989) as memórias sobre as quais nos debruçamos podem ser classificadas como "memórias subterrâneas". Essas são

memórias subalternizadas, de homens e mulheres comuns que ao serem socializadas transformam-se em instrumento de luta e representatividade.

As figuras 6 e 7 trazem memórias subterrâneas referentes à dificuldade encontrada por mulheres das classes populares em ingressarem na universidade. São escritos que revelam entraves presentes nas trajetórias femininas e a necessidade em desenhar percursos insurgentes que desafiem o status quo. Mulheres periféricas vivem cotidianamente experiências desafiadoras quanto ao ingresso e permanência no ensino superior. Assim, a presença de escritos autobiográficos revela-nos as subjetividades em pesquisas acadêmicas que anseiem por investigar a formação de professoras no cenário nacional.

Vale ressaltar, que nos últimos anos diversas pesquisas utilizam, em suas elaborações, escritos autobiográficos de histórias subalternizadas. Um recurso literário que vem se destacando na academia são as 'escrevivências'. Cunhado pela professora e escritora Conceição Evaristo (2017), tal recurso diz respeito a relatos autobiográficos de mulheres negras, configurando-se como lugar de pertencimento e de denúncia, em um exemplo de como pesquisadoras e pesquisadores vêm utilizando suas investigações como amplificadores de múltiplos dizeres.

Considerações finais

Ao longo deste artigo buscamos apresentar duas pesquisas desenvolvidas com o ateliê biográfico projeto destacando as potencialidades de pesquisas realizadas por e com mulheres. Iniciamos este texto apresentando nossas concepções de memória, bem como estas concepções foram essenciais para as análises das narrativas (auto) biográficas elaboradas durante os percursos formativos inspirados no ateliê. Em seguida, expomos breves resumos de nossas pesquisas de maneira a demonstrar a forma como operamos metodologicamente e por fim procuramos construir o argumento de que as memórias dessas mulheres são partes constitutivas da memória social e coletiva das trajetórias do ensino superior da Baixada Fluminense.

Depreende-se, portanto, o potente papel que o uso do ateliê biográfico de projeto pode desenvolver em pesquisas no campo da educação, no que compete à investigação de processos formativos de professoras. As subjetividades que emergem das "narrativas de si" dão conta de discutir temáticas importantes à Academia, à medida que também podem ressaltar o protagonismo feminino. O uso de caminhos metodológicos inspirados no ateliê biográfico de projeto propiciou também um espaço formativo em que é possível ler e interpretar a própria história.

Seja em uma pesquisa voltada a discutir permanências e rupturas nas práticas de alfabetização e letramento na Baixada Fluminense, seja em uma pesquisa que investiga os processos formativos do "fazer-se educadora", a presença de escritos (auto) biográficos revela trajetórias femininas e os atravessamentos que compõem essas trajetórias. São singularidades que dizem

respeito à discussão de raça, gênero, condição social e tantos outros aspectos que dialogam com o que é ser professora na contemporaneidade.

Logo, as pesquisas aqui referendadas e tantas outras que primem pelo uso de metodologias (auto) biográficas, estabelecem um contraponto aos movimentos que subalternizam os enunciados femininos. São pesquisas que valorizam a escrita de mulheres, concebendo-as como um contradiscurso. Trazer em pesquisas acadêmicas escritas autobiográficas femininas é insurgente, dado que trazer a professora para o lugar de enunciação, além de um ato de coragem e representatividade, é deixar que a história seja contada por quem a inscreve no mundo.

Feminine crossings: the biographical project studio as a formative and narrative construction device

ABSTRACT

Abstract This work presents notes on two researches developed within the scope of the academic master's degree in Education, which were inspired by the biographical project studio to develop training paths based on the construction of (auto) biographical narratives. In the research “On the trails of memory: the paths to literacy at school through the life trajectories of literacy teachers from PARFOR/UFRRJ”, developed with six literacy teachers from the National Plan for Training Teachers in Basic Education (PARFOR) and “Memories of the pedagogue: the teaching construction through literacy narratives of students at UFRRJ”, developed with seven undergraduates from the Pedagogy course at the Federal Rural University of Rio de Janeiro, it was found that the use of the studio device biographical project favored the mobilization of life trajectories, expanding the training offered at graduation. Organized into five parts, the text presents the studio; presents brief summaries of the investigations; discusses the journeys of these teachers as underground memories under construction and highlights the potential of the training device as a methodology for producing female narratives in Education. Its scope is to reflect on the contributions of using the biographical project studio device as a methodological proposal for qualitative research into teacher training. Therefore, it presents the biographical project studio as a means of promoting the production of research that conceives female statements as a counter-discourse.

KEYWORDS: Biographical Project Studio. Teacher training. Feminine narratives. Pedagogy.

Cruces femeninas: el estudio de proyectos biográficos como dispositivo formativo y de construcción narrativa

RESUMEN

Resumen: Este trabajo presenta a través de narrativas alfabetizadoras de estudiantes de la UFRRJ", desarrollado con siete estudiantes de la notas sobre dos investigaciones desarrolladas en el ámbito de la maestría académica en Educación, que se inspiraron en el estudio de proyectos biográficos para desarrollar caminos de formación basados en la construcción de narrativas (auto)biográficas. En la investigación "Por los senderos de la memoria: los caminos de la alfabetización en la escuela a través de las trayectorias de vida de alfabetizadores del PARFOR/UFRRJ", desarrollada con seis alfabetizadores del Plan Nacional de Formación de Profesores de Educación Básica (PARFOR) y "Memorias del pedagogo: la construcción docente carrera de Pedagogía de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, se constató que el uso del dispositivo de estudio proyecto biográfico favoreció la movilización de trayectorias de vida, ampliando la formación ofrecida en el grado. Organizado en cinco partes, el texto presenta el taller; presenta breves resúmenes de las investigaciones; analiza los recorridos de estas docentes como memorias subterráneas en construcción y destaca el potencial del dispositivo formativo como metodología para la producción de narrativas femeninas en Educación. Su alcance es reflexionar sobre los aportes del uso del dispositivo de estudio del proyecto biográfico como propuesta metodológica para la investigación cualitativa en la formación docente. Por lo tanto, presenta el estudio del proyecto biográfico como un medio para promover la producción de investigaciones que conciban los discursos femeninos como un contradiscurso.

PALABRAS CLAVE : Estudio de Proyecto Biográfico. Formación de profesores. Narrativas femeninas. Pedagogía.

NOTAS

1 As autoras inspiraram-se largamente nos textos de suas dissertações para construírem os tópicos acerca do dispositivo ateliê biográfico de projeto.
2 Utilizamos o verbete "(auto) biografia" grafado dessa maneira, a fim de designar a escrita tanto de biografias quanto de autobiografias.
3 A heterobiografia é uma prática formativa que visa a ressignificação das experiências de vida dos sujeitos, na medida em que se percebem no mundo na relação com o outro, tomando consciência de seu papel histórico.
4 O PARFOR foi desenvolvido pelo Governo Federal para atender o Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Implantado em colaboração com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), Estados, Municípios, Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior. O plano tem como público-alvo professores, pedagogos e funcionários da educação, atuantes nas redes públicas e privadas da educação básica ou a elas destinados. Desde 2010 a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro atende professores em formação sob este regime educacional, tendo sido a primeira turma de Licenciatura em Pedagogia aberta no segundo semestre do mesmo ano, contribuindo significativamente para a formação de professores de rede pública de ensino na Baixada Fluminense.
5 A pesquisa foi realizada no ano de 2018 e contou com a participação de seis professoras alfabetizadoras estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no decurso da disciplina "Escrita, Alfabetização e Letramento II", oferecida pela UFRRJ no Instituto Multidisciplinar situado em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense – RJ.
6 Em um relatório de conclusão de pesquisa sobre o PARFOR, Brzezinski (2018) afirma que: "o sexo feminino prepondera entre os colaboradores/egressos. [...] Essa ocorrência assemelha-se ao que se constata em âmbito nacional infere-se que o magistério da educação básica é uma profissão que atrai mais mulheres do que homens" (BRZEZINSKI, 2018, p.298).
7 Podemos citar dentre vários programas federais o Pró-Letramento (2005) e seu sucessor o Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa- PNAIC (2012), ambos com foco nas práticas educativas que pretendem favorecer a apropriação da leitura e da escrita para os estudantes do ciclo de alfabetização.
8 A pesquisa foi realizada no ano de 2019 e contou com a participação de sete graduandas do curso de pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em encontros realizados no Instituto Multidisciplinar (UFRRJ), situado em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense – RJ.
9 Alteridade e exotopia são dois conceitos bakthinianos que se referem à relação do "eu" com o "outro". Em exotopia prevalece o sentido de se colocar no lugar do outro, ver o que lhe é externo, mudar a perspectiva, o ponto de vista, tendo consciência, porém, de que nunca será possível ter a exata visão que o "outro" possui.

Referências

ARCENIO, C. R. C. **Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ.** 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2019.

AZEVEDO, P. B. **Ensino de história e memória social. A construção de história-ensinada em uma sala de aula dialógica.** Niemcy: Edições Acadêmicas, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421p.

BRZEZINSKI, I. **Fórum permanente de apoio à formação docente: Impactos da Política Nacional de Formação do Magistério.** In: BRZEZINSKI, I. (Org.) Políticas de Formação do magistério: ANFOPE em movimento. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018, 26p.

DELORY-MOMBERGER, C. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p.359-371, ago. 2006.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.162p.

PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto (trans) formador. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i44.8018. Acesso em: 26 jul. 2023.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. vol. 5 n.10 Rio de Janeiro: 1992, p.200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio". **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

ROCHA, R. M. **Memórias da (o) pedagoga (o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento de estudantes da UFRRJ. 2020**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

Recebido: 31 mar. 2023
Aprovado: 15 maio 2023
DOI: 10.3895/rtr.v8n0.17333
Como Citar: ROCHA, R. M.; ARCÉNIO, C. R. C.; AZEVEDO, P. B. Travessias femininas: o ateliê biográfico de projeto como dispositivo formativo e de construção de narrativas. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17333, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>. Acesso em: XXX.

Correspondência:
Renata Melo Rocha
renatarosjm@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.